L 137762

CHAND-BIBI

A SULTANA BRANCA DE AMENAGARA

LENDA INDIANA
FANTASIADA DA TRADIÇÃO HISTÓRICA
DO SÉCULO XVI

POR

G. de Vasconcellos-Abreu

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA—EDITOR
50—Rua Augusta—52
1898

L. 13776 2

CHAND-BIBI

TIRARAM SE D'ESTA EDIÇÃO
500 exemplares em papel de linho português
, e 10, numerados, em papel Watman

COMPRA

CHAND-BIBI

A SULTANA BRANCA DE AMENAGARA

LENDA INDIANA
FANTASIADA DA TRADIÇÃO HISTÓRICA
DO SÉCULO XVI

POR

G. de Vasconcellos-Abreu.

Rc 151993

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA—EDITOR
50—Rua Augusta—52
1898

A

MINHA MOLHER

D. Maria Júlia Bourdi B. de Vasconcellos-Abreu

Se neste favo há mel e o mel
tem perfume, o mel juntei-o eu
e o perfume colhi-o em ti.

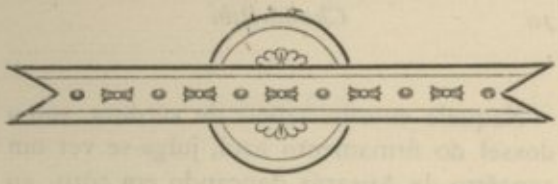
I

Amenagara

Evolam-se pe'los ares perfumes suavíssimos ; ecoam no espaço os coros harmoniosos das Apsarás e cânticos divinos; os Gandarvas tiram da viná os sons melodiosos, cujas vibrações descem dos céus á terra e ascendem da terra aos céus.

O solo é um tapete de verdura ondulante, que se desvanece no fundo azul do firmamento.

Ramáiana.



MARAVILHAS da natureza ali se ajuntam, na terra querida dos Deuses, Amenagara, entre as da Ásia a mais formosa.

O campo, ondulado por outeiros, é adémea situada entre montanhas, qual entre largas folhas, que as circundam, as flores num ramalhete.

São pregas dum manto os vales, por onde serpeiam lánguidas águas, escondidas entre folhas de golfão de várias côres.

Espande-se nos ares suavíssimo perfume e o trilo das aves em gorgeio.

O sol inflama o espaço e o estremece com vibrações fantásticas.

Naquele enorme tapete de verdura, sob o dossel do firmamento azul, julga-se ver um concêrto de Apsarás dançando em côro, ao som da viná melodiosa dos Gandarvas celestes.

Como à pele do tigre fulvas riscas, cortam o campo messes alouradas e talhões e alfobres repartidos entre frescos pomares e espessos bosques.

Em rios túmidos se engrossam, descidas dos sucalcos, as águas das montanhas.

Brincam os cisnes nos arrozais e correm as tímidas gazelas, em saltos descuidadas, nos cômoros a que revestem a areca e o áloès e a cana sacarina.

Cobrem as choupanas de bambus entrelaçados mangueiras frondosíssimas. Tamareiras, jaguás e pirijaus se alevantam como em terras do Islame.

Desprende os ramos fertilíssimos o sagueiro e perde-se nos céus a silvestre gomuti. Em baixo, florescem os jasmins e as rosas, mais belas que as rosas de Chiraz, em contraste com a alvura do malor de neve.

Balança a bananeira os cachos, de ouro. Ouro é o matiz da champacá.

E qual prata em fio saíndo de um novelo, sai o cristal dos rios dos lagos de cristal.

É assim a paisagem em que se enquadra a cidade de Amenagara, praça forte, coroada de bastiões, e qual guerreiro altivo de cujos hombros colossais pende o manto riquíssimo, de bosques e pomares e movedissas messes, que nas faldas da adémea aos pés lhe desce.

II

A Cidade de Amenagara

Cidade perfeita em todas as suas partes, na qual prosperavam todos os mistéres e reluziam as sete pedras preciosas e gente estranha de muitos países: cidade querida dos deuses e rica em boas obras e homens pios.

Lenda de Sumeda (Játacas).

TINHA a cidade um cinto de granito, mais escuro do que a morte que dava aos seus inimigos.

Por coroa tinha seteiras; por vestido de princeza a armadura de penedos e sôbre estes palmeiras, tão no alto alevantadas, que pareciam tenro musgo em pedra lisa.

Encostava-se, em outeiros que a sustinham, qual rainha adormecida em almadraques.

Era Amenagara, a cidade, o guerreiro de cujos hombros descia o manto recamado das riquezas tropicais.

Como airão de plumas em capacete eram

os bosques que a miravam sobranceiros, e os ramos soberbos do axuata e niagroda, as figueiras sagradas, do mirante real.

Formava uma só máquina de guerra a cidade altiva. Os bastiões erguiam-se à altura a que sobe o monte Cáilasa.

Dentro esplendiam palácios e arcadas, vastas praças, todo o luxo da Ásia antiga; e tumultuava o povo, em burburinho, no afã e bulício da cidade.

Os palácios de matizado esmalte eram lavores fantásticos, dédalos de esculturas: nos vestíbulos, nos pórticos, nas cornijas e varandas, e nas paredes de vários corpos de edifício, que uns sôbre os outros descansavam erguidos em festões de renda de alabastro que formavam arcadas assentes em colunas de mármore côr de rosa.

Campo, entre montanhas de edifícios, era cada uma das praças, com seus lagos, ao meio, atapetados pe'las flores do lódão e do lírio.

Cruzavam-se nas vastas e amplas ruas, entre a imensa multidão, carros de festim, carros de guerra, elefantes artilhados, e os

camelos que transportavam riquezas para os bazares.

Nos rostos da multidão havia: côres bronzeadas, retintas ou baças e alvuras mais nobres, e todo o cambiante entre a pálida tés do Caxmiriano do norte e a côr tostada dos Drávidas do sul.

Nos trajes a variedade infinita, desde o jogue de corpo quase nu até o Parse todo coberto dos pés à cabeça, e o Mohametano soberbo: um coroado com a mitra de paninho branco metido em goma, e o outro com a trunfa e a fota verde ou escarlate; e o Bráhmane de cans descidas sôbre o peito, a enobrecerem-lhe mais os três fios de linha a tiracolo por sinal de sua dignidade.

A turba irrequieta contrastava, em alguns pontos da cidade, com o mutismo de estátua dos faquires; a actividade do resgate e trato antepunha-se ao siléncio pio dos que, desprezando o egoísmo dêste mundo, em mais feroz egoísmo se afundavam na cogitação esperançosa de maior ventura noutro mundo.

E nem era menor a turba dos que, pe'los degraus da escadaria dos tanques dos templos vastíssimos, se banhavam nas águas fétidas, turvas e denegridas pelas cinzas com

que esfregavam o esquálido tronco magro e nu.

Dos lagos e tanques corriam as águas em arróios, que ladeavam as ruas; e outras águas se juntavam, na rua real, em espadanas líquidas a distâncias bem medidas e alturas calculadas, pe'lo meio da rua. O ar ali agitavam, temperando-lhe o ardor,e serviam para aspergir o pó e apagá-lo.

Conduzia aquela rua ao palácio da Ràni de Amenagara, o qual se erguia ao centro da cidade, como dentro de uma outra cidade.

Circundavam-no altos muros, e sôbre os muros, em volta, castelos com ameias e adarves espaçosos. Em baixo, no sopé dos muros, nos largos e fundos tragadouros dos fossos, precipitavam-se, em catadupas, águas descidas de outros montes; por cima dos fossos, as pontes levadiças vibravam com o estrondear das águas em cachão e com o passo grave e pesado dos archeiros, dos passavantes e arautos.

As paredes do palácio eram cobertas com esmaltes de mil côres; os telhados cúpolas de oniz e ouro; as janelas de lazulite; os pórticos flores de cantaria.

As tôrres das muralhas do palácio eram cortadas na rocha viva, que em subterrâneos se abria por debaixo da cidade.

Mais do que tudo era, porém, maravilhoso o donaire e a formosura da Rànì!

III

Chand-Bibi

Os que te vissem uma vez não te esqueciam.

O teu vestido de seda amarela era um véu de ouro batido, que mal escondia as tuas formas modeladas em prata por Vixuacarma, o Estatuário Eterno.

AÇAF-UDDULÁ, *Canto da formosura de Chand-Bibi.*

Era sultana de Amenagara Chand-Bibi, a Dama-Branca, a Formosa da Ásia.

Qual oásis no deserto era sua alma alivio dos malquistos da fortuna.

Seu vestido de seda amarela era o cáliz dourado duma flor; seu espírito a essência fina, o aroma delicado que se espalha no ar e perfuma a todos.

Sua voz tinha a harmonia de uma ave em canto redobrado na primavera.

Do azul esbatido, à hora d'alva, num céu em que nuvem diáfana concentra a claridade que desponta, era assim o azul das suas veias e a alvura da sua tés, — carnação di-

vina! — no rosto alumiada pe'lo clarão da inteligéncia.

Era um fogo, clarão de incéndio de alma a luz dos olhos fulgurantes, como o chacra circular de Naráiana em duplo céu repetido.

O rosto, emoldurado por negros cabelos soltos, era argéntea lua à meia noite e as rosas de rórida manhã em estio ardente.

Tinham seus lábios a côr da aurora; eram seus dentes o orvalho cristalino pendurado nos gomos de romã semiaberta.

O pescoço tinha a lánguida ternura do caule do lódão balouçado nas ondas de um lago entumecido.

E, túmidos, os seios lhe ondulavam com a exuberáncia juvenil da primavera da vida.

A cintura era o estreito gargalo de uma ánfora, que se alarga e arredonda ao descer das asas.

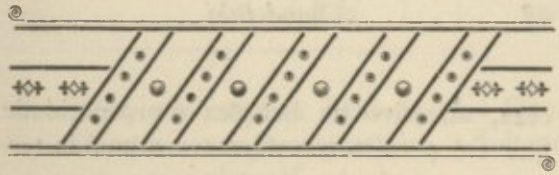
Urna de maravilhas, a Ràni era ánfora de amor, seus braços asas dessa urna.

IV

Molher e Raínha

Escondendo mágoas da alma
num sorriso de amor.

Ep. de Savitri (Mahabárata).



Netos de Timur eram ao norte os rivais da Ràni de Amenagara. Em todo o norte, dominavam êles pe'lo extermínio; ela pe'lo heroísmo e formosura em todo o sul.

A Ràni era temida dos exércitos dos reis vizinhos por seu poder guerreiro; e era amada dos reis pe'la extrema beldade feiticeira.

Qual outra Damaianti, de antigas lendas, adquirira a Sultana de Amenagara subida fama: por formosura e esplendor, pe'la glória e pe'la ventura e por encantos de que era dotada. Era qual a Deusa Lacxmi no céu de Vixnu, a venusta e pulquérrima prin-

ceza, atractivo de bençôes e prosperidade que em paráiso transformava o mundo terreno, o mundo dos mortais.

Chamavam-lhe Chand, a meiga lua, os poetas maravilhados da sua tés alvíssima. Era Livro Santo dos crentes e amor para todos, e de todos os reis amada, sem ela amar nenhum, sem preferir nenhum de entre os reis, que a requestavam.

Raínha era em seu amor qual é no espaço e sôbre a terra a luz brilhante de Ravi, o sol: ao rei, ao pária dava luz!

Amava a molher no entanto; mas com amor tão casto como a pureza de um sonho recatado, — amor, ou antes pressentimento, saudade de um gôzo apetecido que adivinha o paladar nunca disperto!

Era o amor dos reis que a requestavam como o vento para levantar os montes immudáveis. Ela era o Oceano livre a ver a mão da criança a represá-lo!

De entre a turba apaixonada, acima dos reis, sobressaía um poeta, alma de fogo, toda amor e amor por ela só. E notara o coração da molher aquele amor!

Era, porém, o poeta homem de estirpe

guerreira, não era rajá nem de rajá filho. A molher amava o poeta guerreiro, a Sultana só podia amar um rei!

Tinha o poeta nome Salabate e era um Cã poderoso por seu esfôrço guerreiro. De espírito nobre e elevado cingia-lhe a fronte a coroa da glória, tinha por trono o dorso dum corsel, era seu reino o campo das batalhas; e assim lhe sorria a esperança de ter um dia trono, reino e coroa como rajá soberbo: que, nas guerras em que a êsse tempo andava a Índia envolta, era o mais ousado e o valentíssimo guerreiro, como o tigre é dos animais o valentíssimo, Salabate, o poeta guerreiro.

Ébrio de glória, pretendia avassalar a seu poder a Ásia enteira e possuír as coroas dos impérios para aos pés de sua dama as ir depor.

V

Salabate Cã

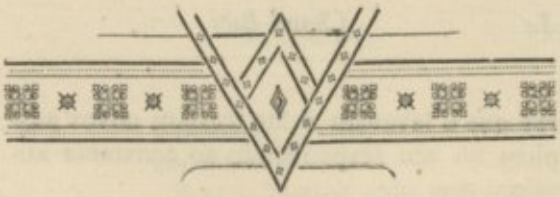
A côr da sua espada é azulada e ao meio tem a espada dois canelados sulcos, onde a morte arrogante se balança entre os dois gumes afiados.

A uma espada — Poesia árabe.

Que me esqueça de ti ?!... isso é loucura! Vi-te! Como hei de eu esquecer-te ?!

Se eu fôsse ao menos o broche que te prende o longo haíque, ou madeixa de teus cabelos soltos ?...

Canto árabe.



Poeta e guerreiro era na verdade Salabate.

Seu braço era o cedro valente; sua alma era montanha abrasada.

Sua espada era a morte escondida no gume do aço fino. O golpe era raio caíndo; os inimigos aves pousadas no ramo que o raio queimava.

Vibravam em seus cantos notas sentidas da corda mais sonora da sua alma.

Era imagem querida, pensamento expresso por quem fala a sós, dor que é toda vida, a canção que êle cantava tristemente: um íntimo segrêdo, mistério confiado às au-

ras que o levavam e lhe traziam novos suspiros no eco respondendo ao constante anseio.

Descansava o guerreiro à sombra da magnólia em frente dos arraiais dos seus exércitos; e à hora triste alumiada por luz débil do sol que se apaga no ocidente, o poeta cantava: —

— «És tu na batalha o talismã, que as batalhas torna em minha glória.

És tu a imagem, o pensamento, a alma que me agita, como na planície o tufão ao tenro arbusto;

És tu a minha idea, porque trago sempre de ti a mente presa;

És tu o fogo da minha vida; e o vivíssimo calor da minha espada ardendo em sêde de combates, como chama que devora e mais consome se mais tiver deante o que a alimente.

A glória que o meu nome tem já celebrado, essa glória é toda tua; pois que só tu és na vitória a minha espada e o braço.

Quando às horas melancólicas do sol pôsto, penso em ti, e de imagem que adoro te afiguro visão aéria que me leva como as asas levam a ave quando vôa... ai! sinto estremecer-me o corpo

todo, como a terra se um vulcão a abala dentro!

E se às horas da noite mais caladas, deixo caír a cabeça adormecida, não me adormece a idea de te ver...

Sinto pousar-me na face a tua face, teu peito ao meu unir-se, e estreitar-se-me o corpo em teus abraços.

Acordo então e aínda te vejo e creio beijar na escuridão a noite de teus cabelos soltos.

Tens na fronte luz divina. Nos olhos és Sitá, a meiga esposa de Rama; e és feroz e inacessível qual Durgá!

Tens a candura nos lábios que sorriem; e se unidos os cerras denuncias beijo que ao próprio Indra perdera, se por um beijo quiseras trazer do Paraíso o Deus à terra, contigo mais ignoto paraíso!

Teu espírito é uma chama que alumia.

Teu pescoço é uma tôrre de marfim que se esvaece no azul do céu e côr da aurora.

Teus peitos são dois montes levantados na terra querida de meus sonhos.

Teus braços são raios que me abrasam, se rápidos julgo que me cingem em estreito amplexo.

Em breve cintura se te afina o corpo e vai descendo em duas curvas gracio-

sas que se alargam em conchas do mar!

Teus pés são uns botões de flor adelgaçados que sempre desejei calçar de beijos.

E quando em túnica amarela escondidas vejo estas graças naturais para se verem, sinto a mente delirar-me em vão delírio.

Sinto-me levar em tuas asas e que me deixas tu caír, divina esséncia!»

Invejo o ramo da árvore que te beija a fronte.

Invejo a bonina que te beija o pé.

Invejo a relva que calcas desdenhosa!...

Tapete de volúpia! eu!... queria que teu corpo passasse sôbre o meu!

Invejo a água das fontes que se enamora de tua beleza e formosura.

Invejo a palmeira que te assombra e não cansa de curvar-se, — como eu me curvaria sem cansar sôbre os teus lábios desejados.

Eu queria como o ramo beijar-te o rosto; e como a fonte, à hora do mais ardente estio, eu, fonte de amor, em ardéncia d'alma, tua alma saciar com longo beijo;

E dar-te enlevos tantos, tantos, como os desejos sem conto que eu sinto de os gozar!

> E pois ! se nada do que quero posso ser, fôsse eu ao menos a abelha importuna que àspira o ar que tu exalas, tu flor, perfume, bálsamo, mel dulcíssimo ! — para que tu em teus dedos me esmagasses, ou nas pétalas de teu seio me envolvesses, túmulo querido ! que era vida a morte que me davas, e é morte a vida que vivo neste anseio !

Assim cantava o guerreiro.

De oriente a poente, de norte a sul, fulgurava o nome de Salabate como um triunfo, em toda a Índia.

Os reis tremiam nos tronos vacilantes. Era dêle uma coroa conquistada e tributários tinha feito a muitos reis.

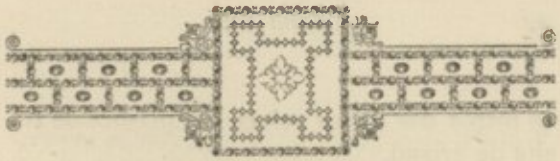
O seu palácio favorito era, porém, a tenda que tantos brados de vitória tinha ouvido.

VI

Ao Luar

Só o amor é vida.

Voz do Coquilá



É noite...

Chand-Bibi, a Argéntea Flor, o Lírio Branco, pende lánguido, semiadormecido em rede de ouro e púrpura entrançada.

Nos jardins do palácio soam harmonias brandas. Nas pontas dos pés se sustêem graciosas, balouçando-se como uns bambus esbeltos, as coreas de Naiicas e Apsarás — escravas e companheiras da Ràni.

Nos ares evolam-se perfumes de tochas de resinas aromáticas e dos bálsamos que entornam as urnas de lázuli, das mãos das estátuas de alabastro.

Erguem-se alto e refrescam o ambiente

os jorros das águas soltas das prisões de rocha de cristal.

E as auras assim dispertas segredam os mistérios da festa luxuosa que findara.

A lua açafroada, olha do céu; e mil céus se reflectem, como dança de estrêlas, nas cascatas e regatos.

Os olhos das estátuas cintilam com lumes que a lua acende em safiras e brilhantes.

Curvam-se os ramos curiosos da beleza que sustêem em leito de fio de ouro, e a que de leve tocam zéfiros apetecidos em sôno de volûpia languescente.

Os leques de penas matizadas agitam-se nas mãos desinquietas das escravas, asas de anjos aos pés do sólio de uma deusa.

A Ràni cismava adormecida, disperta no entanto para cismar, em descuidado arrobamento de um suave devaneio amoroso.

O coquilá, ave de amor, cantou seus hinos; e ela estremeceu ao ouvir o coquilá cantar amor.

E então a Ràni de Amenagara, enlevada, só quis ouvir a música dulcíssima da sua alma, e os gemidos, como de alma que languesce, do coquilá ave de amor; e ordena que se afastem os tocadores e que das es-

cravas só fiquem as predilectas, e uma delas interroga:

— « Ainda não decoraste, Ratnaprabá, a nova composição de Jaganata? »

— « Ainda não, senhora minha! Mas posso recitar-vos de Calidassa estâncias mais sentidas. »

— « Preferes-lhe Calidassa; bem o sei; é o teu poeta favorito. »

— « É um cávia o Megaduta! — dizem os mestres, e o admiram há mais de dez séculos até hoje; e o Bámini-Vilasa... »

— « É moderno!... mas o que importa? seu autor é Jaganata, conselheiro na côrte de Deli. »

— « Tanto me basta, senhora! é seu rei Jalalo-din-Mohámad, teu inimigo!! »

— « E sua côrte a dos sábios e poetas, de toda a Índia e da Arábia, e da terra ocidental que mais longe fica e de onde há pouco vieram os fortes Portugueses. »

— « Mas, senhora, o poeta é moderno e não te conheceu: faltou-lhe a inspiração antiga e não recebeu o estro da moderna. »

— « Lisonjeira!... »

Cantou mais uma vez o coquilá e a Ràni de Amenagara estremeceu.

— « Pois bem! — disse — quero a poesia antiga! Recita-me a poesia amorosa e mística do Purana de Crixna. Resume a descrição, mas quero ouvir o diálogo. »

— « Cumpro a tua ordem; escuta o canto primeiro da Panchadiaii.

«O vento do outono espalhava na atmosfera os perfumes dos jasmins. As noites eram as formosíssimas noites desta nossa região ardente. A lua avermelhava o espaço no oriente e assim a amante cora se o amante lhe beija a face linda.

Então Bagavate sentiu em si o desejo amoroso que tais noites fazem nascer no íntimo d'alma e tomou a forma enganadora da ilusão, do ioga.

E quando a lua cheia, o astro de côr do açafrão novo, inundava de luz os bosques, Bagavate, o Supremo Senhor, dispertou os céus e, com voz suavíssima, enebriou o coração das molheres de olhos formosos.

E todas, apressadas, escondendo-se umas das outras, iam correndo para onde as esperava o Bem Amado. E aos sons harmoniosos da voz dêle se juntavam os sons do tilintar de arrecadas e pingentes e dos núpuras desinquietos na célere corrida de seus pés.

Estavam as messes de arroz já inclinadas, imitando em ondulações graciosas o ondular, o garbo dos cisnes que se banhavam e corriam nas águas das gramíneas quais diamantes num campo de esmeraldas.

E à luz da lua brilhavam os campos de caxás sacarinas, já floridas; a noite pe'las pérolas do orvalho; as águas na Iamuná, formoso riso; no rio os cisnes; nos cisnes a alvura à porfia com a tremulina da lua e a côr viva das flores de golfão e a neve dos jasmins.

Tal é a estação do outono: de noite poeira de ámbar cobre o céu, e se uma ou outra nuvem passa, é ténue e branca como asas diáfanas que esvoaçam sôbre êste paraíso.

Tudo incita ao amor.»

«Crixna tinha aos pés um tapete de molheres que recendiam com os mais preciosos bálsamos e nos olhos tinham o colírio.

As que estavam encerradas nos gineceus adoravam o heroico Mádava no íntimo do peito e uniam-se a êle por pensamento.

A mágoa de se verem presas as torna livres, que de tanto meditarem se absorvem na Alma Suprema, e julgam ter nos braços o divino amante.

«O amor não consiste só em amar,

mas em se confundirem as almas que se amam. Assim quem meditar no Eterno se unirá ao Eterno pe'la contemplação.

Crixna é Bagavate, o Eterno, o Senhor dos Senhores do ioga, é aquele que dispõe de todos os sentidos no Universo.»

«Depois de as ter atraído com seus cantos melodiosos, parece querer esmagá-las censurando-as; e lhes ordena que voltem para casa.»

— «Salve! molheres formosas! Que quereis de mim?...

Andam nos ares visões medonhas, a estas horas da noite.

Voltai, ó formosas para casa; não é conveniente que andeis por fora!

Em que aflição devem de estar vossos pais, e maridos, e filhos, mães e irmãos?!...

Eu creio que o muito amor aqui vos trouxe. A glória é vossa. Aquele que me buscar me encontrará; todo ente em mim tem a ventura. Ouvi-me, porém; escutai as minhas falas.

O supremo dever da molher é amar seu marido e respeitá-lo embora êle seja velho e feio, irascível e disforme, doente e pobre. Amai-o, sempre; que assim alcançareis a glória eterna.

Um amante é glória estulta de pouca duração e muitos perigos, e dores e

trabalhos e aflições. Envilecida ficará a molher que o buscar!

Escutai estas falas que vos falo. Meditai no que vos digo, que assim me tributais o amor que me é devido.

Voltai portanto para casa!» —

«As Gopis ao ouvirem estas palavras tão austeras de Govinda, em lágrimas banham o rosto e a côr lhes desmaia para logo se tornar mais nacarada. E com vozes cortadas de suspiros, oram, suplicam, rogam, com a veeméncia do amor, com o frenesim do anseio, com a febre do ascetismo, da bacti.»

«Nós queremos o desprendimento eterno das cousas dêste mundo, pe'la eterna prisão de nossa alma de todo na tua confundida.

Oh!... Deixa-nos beijar teus pés mimosos!... não nos fales essas falas rancorosas!...

Se tu és a Alma das almas no Universo, a quem daremos a alma que se nos abrasa no fogo do amor que tu inspiras?

Se tu és o Fim dos preceitos do Senhor dos Senhores! e o Meio é o Amor, a quem pois votaremos o amor senão a ti?!

Oh!... Tu és o bem que nós amamos; tu és o marido, o filho, o irmão, e o pai, tu és o Senhor de todo o nosso ser. São parcelas da tua Alma as al-

mas que te adoram. Voam seguindo os teus passos os pés que segundo os teus caminham. São tuas as mãos que para ti se erguem e te suplicam. E teus são os pensamentos de quem em ti se inspira! »

.....

«Abranda com a ambrosia de teus lábios êste fogo de amor que temos dentro; ou levadas dos desejos voaremos a matar saudades de te ver aonde quer que te escondas, ó amado!

Em ti meditaremos. Pois que ouvimos as brandas harmonias da tua voz, e a luz nos deste aos olhos com o brilho de teus olhos amorosos, como não havemos de te buscar e em ti absorver a nossa alma?!

Nós queremos por manto o pó de teus pés que adoramos como os adora a Tulassi e a deusa que em teu peito mora a casta deusa Xri.

Nós queremos por alimento o néctar de tens lábios e por luz que nos guie o dulcíssimo sorriso de teus olhos, teus braços para arrimo e teu peito para nele pousar a fronte adormecida. Nós queremos misturar nas madeixas de teus cabelos os nossos cabelos flutuantes!»

.....

«Que molher haverá que te não busque e a teus pés não se lance como escrava, se ouvir os sons maviosos da tua

voz e os sons enebriantes da tua flauta mágica ?!

Quem não quererá cegar seus olhos na tua luz e abrasar-se em teu fogo e consumir-se em delícias, se só o ver-te é abrasar-se ?!

Tu és o protector do mundo dos Suras, em ti fenece a dor e o tormento e nasce o gôzo. Oh! dá-nos o gôzo de sentirmos o lódão de teus dedos procurar a morada em nossos peitos ondulantes!»

«Sorri o Senhor dos Senhores do ioga. Engrinalda a fronte com a vaijaianti, a coroa de Víxnu feita de flores campesinas e trepadeiras dos bosques; e entoa cânticos amorosos. As Gopis erguem hinos em honra do Divino Amante.

A voluptuosidade da noite casa-se com o gemido langoroso das águas da corrente. Há ali perto uma ilha, um fresco areal em tôrno de um leito de verdura:—teatro de amor, ali vão deliciar-se, ali deliram em transportes de amor. E em roda as águas murmuram baixinho, mansamente, segredos de indiscretos maledicentes.»

«As Gopis julgam-se superiores a todas as molheres, e cada uma se julga superior às outras todas.

E quando parecia a cada uma delas

ser a preferida, e possuír o Divino Amante, vêem-no todas elas fugir, como vêem os olhos uma luz que se apaga e deixa mais densa a escuridão.»

— «Basta! não recites mais, que me atordoa essa poesia, e em frémitos me estonteia a alma!

Ide! quero ficar só!»

Cantou mais outra vez o coquilá e a Ràni de Amenagara estremeceu.

Haviam partido já os tocadores e as escravas todas e as companheiras do séquito da Ràni.

Os sons dos instrumentos ao longe ecoam e em suspiros findam.

A noite é calma e o siléncio profundo; redobra estrídulo o cantar do coquilá.

Entregue ao delírio da sua mente, absorta no ideal que tanto amava, exaltada na imaginação pe'la poesia mística das apaixonadas estrofes, a Ràni julga ouvir na voz do coquilá, cantando amor, a voz de Salabate, por quem espera.

E embalada nas malhas de ouro e púrpura, aspirando os aromas deleitosos, enebria-

da exclama com voz quase sumida como canto de ave escondido pe'lo arfar da folhagem:

— «Es Salabate! o poeta da minha alma! o guerreiro valente!...

Oh! vem! vem! quero amar-te, amo-te muito!!»

A lua olhava do céu, como agachada espreitando da beira do horizonte, iriado já de raios matutinos.

Por debaixo da copa das árvores estendendo os alongados dedos de luz, à Rànì amostrou: um peito de aço fino prateado, um alvo manto voando na célere corrida, como a neblina corre sôbre os lagos, um rosto queimado e amoroso exultante de ventura.

Era o guerreiro Salabate, o amante desejado e mais querido na hora de um sonho ledo.

Seus pés correm ligeiros como os de gazela fugitiva, seu desejo é um pensamento realizado.

De ambos: os braços são colares esponsalícios; os corpos um só corpo, ambos uni-

dos; os cabelos confundidos e espalhados, um véu que envolve mas não esconde os anelos repetidos.

E, como pombos arrulham, em ternas caricias repetidas, assim é o murmúrio repetido de seus beijos.

VII

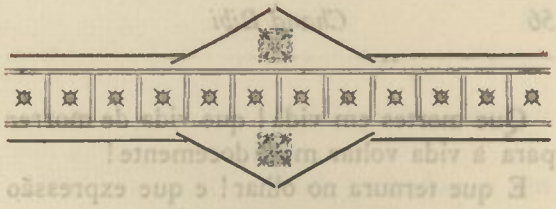
A Despedida

26.—.....
.....
.....
....
27.—.....
.....
.....
....

BARTHELÁRI (*Centúrias, I.*)

Vai para deante o corpo, mas volta para trás o coração inquieto: é como a sêda da bandeira levada contra o vento.

Xacuntalá.



Que horas famintas de gozos sem gozos perder em um só momento, são as horas que se passam em enleio insciente de braços que apertam dois corpos bem juntos!

Que mago descuido se tem nessas horas, curtos momentos, instantes na vida!

E que doce ambrosia se colhe, nos lábios, dos lábios de mel do ente adorado!

Que ais, que suspiros, que desejos sentidos e logo voltados na febre do gôzo que o gôzo nos furta!

Que delírio! que paixão! e que ardente ánsia de falar! e que mudez une os lábios aos lábios mudos!

Que mortes em vida! que vida de morrer para à vida voltar mais docemente!

E que ternura no olhar! e que expressão na luz dos olhos se se apaga!

E que prisão se se desprende o braço froixo e a cabeça pende adormecida no seio que se agita, seio de amante!

.....

Como é grato o despertar! ver róseas côres nas faces pudibundas; e os olhos baixos por olharem; olhos cerrados por não verem a luz do dia que se aclara!

Rompia a luz. A estrêla d'alva purpureia a face dos amantes; e a luz os vai de novo à luz chamando.

É a noite o manto dos amores.

O guerreiro vê, num balseiro de flores a seu lado, a espada e o capacete e a coroa que lh'o ornava.

—«A teus pés deponho esta coroa! Não a ganhei para mim!

Nas batalhas que venci só tinha a idea de impérios reunir ao teu império e juntar mil coroas à tua coroa.

Jurei avassalar a Índia e mesmo a Ásia

enteira se tal fôsse o preço que me desse o amor que me negavas!

É tua a coroa que hei ganhado; e em breve virei depor a teus pés a minha espada!»

— «Partes!?...»

— «Meus homens de armas vou chamar! Em breve serei contigo! Um dia...»

— «Leva-te a aurora! Oh! vem depressa! Entre suspiros meu coração anela!

Quando a lua desmaiar beijando a colina e a estrêla d'alva tornar a levantar-se, surge tu anjo da alvorada, sol da minha aurora!»

VIII

A Amante

Pensava nelle absorta, triste, abatida, pálida e amofinada, sempre em suspiros. Olhos em éxtase e em cogitar emaciante soluçando de dia e noite, não tinha sossego aquella alma de anseios torturada nem repouso o corpo emagrecido por falta da alimento.

Ep. de Nala (Mahabárata).

Era o mirante do palácio o ponto culminante da cidade.

Sôbre a rocha de granito cortada de cascatas assentava uma pirâmide quadrangular de mármore branco. E em cada face desta se contavam sete jardins donde pendiam as escarlates flores do quinxucá e onde a tamareira altiva balouçava, qual moça gentil as louras tranças, as támaras douradas que a ornavam; onde o capim se erguia à altura de gigantes e mal tocava os lilazes da Índia as flores do arixta.

Coroava o mirante um soberbo palácio de verdura: duas figueiras, o niagroda e o axua-

ta, se enlaçavam em estreito abraço, e formavam salas majestosas, arcadas e vestíbulos suntuosos, e escadarias, e janelas com balcões saídos fora, e andares sôbre andares.

Quando à noite, a luz da lua esclarecia esta maravilha do Oriente, a espuma das águas truculentas imitava o faiscar de raios na tremulina em zigzague; o som das águas parecia ribombo de trovões que ao longe expira; os nelumbos que se erguiam dentro do lago semelhavam dança fantástica de vampiros.

No cimo o niagroda sombrio e o escuro axuata, como a nuvem de fumo mais alta da çarça ardente.

Era ali aonde a esperança amorosa conduzia os passos da Ràni de Amenagara.

Era dali que, uma noite após outra, ela apenas via a extensão enorme da adémea de Amenagara, que das faldas dos montes da cidade se espraiava até as orlas do horizonte.

Era dali que tantas vezes a Ràni tinha visto a lua desmaiar beijando os montes, e o sol esconder no outro lado, em sua luz, a luz da aurora, sem que o Anjo da alvorada

apetecido lhe trouxesse nas asas brancas de seu manto as pérolas de que a noite cobre o caminheiro.

Ia a luz rompendo no oriente. A Ràni de Amenagara, debruçada do alto do mirante, contemplava o íntimo enleio da aurora e luz do sol.

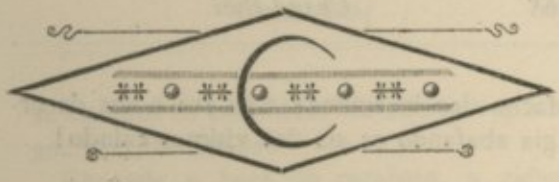
— «Como é tardio o sol da minha alma!... e como eu suspiro por me ver de todo nele confundida!»

IX

Os Mogores

Prepara-te e instrue-te, e a toda a multidão da tua gente e commanda-a tu mesmo.

EZEQUIEL.



Naquele tempo, os exércitos imperiais de Deli desciam do norte e vinham destruíndo as cidades, talando os campos, arrasando impérios.

Semelhante à cauda ardente de um cometa era a passagem dos Mogores.

A Índia era um vulcão por toda a parte: intrigas, lutas, extermínio de povos e reinados.

O senhor absoluto era a anarquia! seu trono era a ruína das cidades e sôbre montões de cadáveres assentava; o cetro era o punhal e a lança, a espada, o alfange e o

facho dos incéndios; a lei era a voz da orgia abafando os ais das vítimas caindo!

Havia três anos decorridos neste lidar medonho e sanguinário, em que Salabate levado pe' las ondas dos seus e de inimigos, por entre inimigos se entranhara. Pe' las batalhas contava êle as vitórias, e suas contava já três coroas.

Temiam-no, porém, os inimigos; e os reis vizinhos se ligavam para vencê-lo.

E por caminhar àvante Salabate ia fugindo ao amor que a alma lhe abrasava.

Numa noite sem lua, alumiava um clarão sinistro toda a altura, em proximidades de Amenagara. Ao longe, no horizonte, erguia-se uma nuvem negra como se fôra fumo que se levantasse da ara de um enorme sacrifício que por chamas ligasse o céu e a terra.

Era a raça mogor, os exércitos de Deli que, descendo do norte, em gaziva feroz vinham incendiando e talando os campos de Amenagara.

A Ràni prepara-se para o cómbate. Crescem e cerçam-na multidões armadas para

se oporem às multidões de inimigos que se acercam da cidade.

Chegada a hora do combate, a cidade transforma-se em vulcão que inunda os inimigos, nas lavas de enxofre e azeite ardente que vomitam os bastiões.

E o inimigo sempre ali!... como as ondas que se vão quebrar na praia após as ondas quebradas!

A luta é sem descanso. Dias volvem após dias; vem o sol e vai; mas é noite sempre, noite imensa!

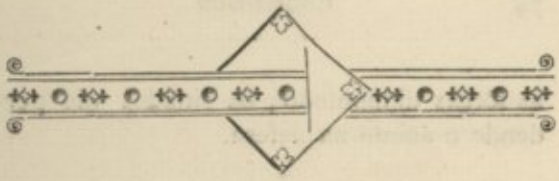
As nuvens de fumo escondem o sol, que vem e vai e volta, mas, a despeito do seu giro repetido, a noite a atestar sempre que o sol não existe onde há só morte!

X

A Mensagem

Parti! correl voai na asa dos ventos! Desafiai as nuvens mais velozes!

Canto árabe.



Como a fúria do tufão que de súbito se levanta, e vem, e chega, quebra, derruba, arranca, arrasta, alaga e assola tudo por onde passa, e com os estragos estragos vai fazendo por onde os lança: assim os exércitos mogores assaltam as muralhas e levam a morte a tudo quanto encontram por deante.

Então a Ràni, quase vencida, consegue enviar a Salabate um mensageiro.

O mensageiro parte.
Era longa a jornada.
Entretanto o cêrcó vai-se prolongando;

as fôrças diminuindo; os sitiados vão perdendo o ânimo na defesa.

Era o valido da Rani o mensageiro; não despreza a mensagem de sua ama.

Em breve chega aos arraiais do altivo rei, de Salabate, senhor de três impérios.

Na tenda de guerra entra o mensageiro. As mãos enlaça e forma das palmas uma concha; os braços ergue até o alto da cabeça; inclina o corpo; e, depois de ter os braços encruzados sôbre o peito, dirige estas falas ao guerreiro forte:

— «Salabate!... Minha senhora e ama aqui me envia; e em nome dela te saúdo, ó rei!

Amenagara vai caír! A Sultana Chand tornar-se escrava ou morrer como raínha para não ver a morte do povo que foi seu!

E tu não deixas, rei magnánimo! estas vitórias que tens certas, para venceres inimigo mais ousado?!

Porque não vens!?

.....

Acaso ignoras?!...

Por ti clama um povo enteiro! É tua Amenagara, a cidade nobre entre as nobres

da Ásia! É tua a Dama Branca, que mulher sempre te amou, raínha só desejava ver-te a coroa de rei para te amar!

Corre! socorre-a! pois se não corres irás tarde para a vitória!»

Salabate ouviu o mensageiro, e

—« Quem são os invasores? » — lhe preguntou.

— «De Deli, Senhor! os exércitos, numerosos, como as areias do mar e as estrêlas do céu que se não contam!»

— «Vai!... em breve serei convosco!... sustentai o cêrco!... A vitória é minha!»

O mensageiro partiu.

— «Às armas! meus guerreiros! meus vassalos! por minha senhora e dama, a Sultana Chand!»

— «Às armas!...» — repetiram milhões de vozes; e espadas nuas coriscaram como se fôsse aquele o dia da batalha.

— «Às armas!...» repetiram.

E o eco chegou com os corceis voando até as portas de Amenagara.

XI

A Cisterna

Viu-a como glória que se repudia, como fé que se renega, como posteridade que se aniquilou, como esperança fementida, como deusa caída do céu, como ordem que aos pés se calcou. . .

Ramáiana.

Aràni à frente de sapadores experimentados procura inutilizar as minas dos contrários.

Quatro havia ela já destruído e chegava à quinta mina, famosa em extensão e a mais que todas importante.

Neste momento os soldados imperiais vêem o sinal que o forte capitão previsto lhes ordena; e de súbito obedecem e o fogo à mina lançam.

O chão estremece; o ar se tolda; a terra aos céus se alteia em escalada medonha, e arremessa-lhes rochas profundas e panos das muralhas e centos numerosos de cadáveres;

tudo envolto em poeira fina a que as chamas alumiam e esbraseiam e a que o fumo dá côr de sangue arroxeado.

Dos céus voltam à terra as massas duras e, por cima da terra, o ténue pó forma dossel que reflecte o mar de fogo da brecha enorme.

No meio da brecha se mostra, então, impávida e majestosa, a Sultana Chand; o rosto velado, mas a espada reluzente alevantada e a couraça faiscante, e a voz como um trovão em ribombo de ordens repetido.

Aos seus anima e dá entusiasmo; os contrários apavora.

Milhares e milhares de braços lhe obedecem, e trincheira viva de homens, fascinados por aquele valor mais que humano, lhe acode ao chamamento, e a brecha entulha com pedras e madeiros e a artilharia esbraseada ainda fundente e os montões de cadáveres e os destroços de corpos mutilados.

Fechada a brecha, a Ràni manda assestar em cima daquela horribilíssima trincheira nova artilharia; e o calor da fornalha imensa mal extinta parece afoguear-se e saír em explosões mortíferas pela bôca dos canhões.

Voltam ao assalto os Mogores.

Escalam as paredes e servem-se também dos cadáveres para a vitória.

Encontram-se de súbito na escalada os lutadores. As lutas são arca por arca, peito a peito.

Os próprios cabelos apertam com os cabelos dos contrarios, nos punhos cerrados, tão perto estão os rostos inimigos.

Os vivos desesperados, aferrando-se como serpes em roscas enlaçadas, rolam sôbre os vivos e caiem massas e massas, sôbre as massas das multidões dos soldados que subiam!

As lutas são renhidas! e porfiados os combates!

Estalam, em baixo, as portas! E então as muralhas aluídas, desabando, esmagam assaltantes e sitiados, sepultando os mortos e os vivos todos juntos.

E por cima das ruínas das muralhas entram na cidade aínda exércitos mogores.

Derrepente soam trompas e clarins, e roncam atabales. É tudo um motim desordenado. E de novo se trava rija a peleja, mas não é só dentro da cidade.

Qual um mar que em outro mar se vasa dentro e as ondas com as ondas se confundem, assim milhares de homens se destroem mas logo se atufam às portas da cidade, em toda a volta, novos esquadrões que rolam pe'las encostas da serra.

São estes os guerreiros de Salabate, o vencedor, que vêem do norte em mais crescido número que os soldados dos netos de Timur.

Assim como o fogo se extingue quando mais não tem que devore, assim o pelejar vai serenando por não haver mais homens que se matem.

—«Glória a Salabate! o guerreiro ceifador de searas de guerreiros hirsutos de armas!»

—«Os Mogores curvaram as cabeças, qual a messe a curva ao segador.»

—«Glória à tua espada, ó Salabate! pois que ninguém ousa viver deante de ela!»

Emquanto os soldados assim cantam a vitória, Salabate corre ao palácio.

E lágrimas só vê!... sua dama busca. Chama. Interroga. Ninguém lhe responde!

Salabate percorre os jardins. Grita. Ameaça. Aos quatro ventos lança imprecações nunca ouvidas.

Treme o Crixna, o Godavari, o Ganges, o Indo. Quere o guerreiro afogá-los em sangue; depois morrer; mas vingar sua dama; se mãos de inimigos lh'a tomaram.

E as auras lhe trouxeram o eco abafado de um gemer de angústia e ais dilacerados de quem oculta a dor, mas na dor se funde.

Para ali corre. Ali chega. E vê, em terra, um velho banhando flores com suas lágrimas, e as flores desfolhadas sôbre um branco mármore de cisterna.

— «Quem és? — lhe pregunta.

Mas o velho só ouvia a dor que mais alto lhe falava.

— «O valido!...» — grita o povo; e o velho acorda.

— «Senhor!...» — exclamou e se levanta e respeitoso diz: «Senhor!... vieste tarde!... aí tens agora os despojos da vitória, ó nuvem coruscante!»

.....

«Foi tua sempre a Dama-Branca! Eras

tu o poeta da sua alma e sua alma tua, poeta!

A sêde de vitórias te matou a vitória das vitórias que hás ganhado!

Levanta esta pedra!... e verás um corpo argénteo em argénteas águas envolvido!... Vale mais morrer como raínha do que viver escrava entre o povo que foi seu!»

— «O mensageiro!?...»

— «Eu mesmo, Senhor! que te roguei que viesses, que voasses em socorro de tua dama, de Ràni-Chand que te amava!»

— «Maldita a hora em que a deixei!...» — exclamou Salabate.

E como a serpente adormecida após o veneno tirado; como a águia ferida na asa quando voa fugindo com os implumes filhos ao caçador; como a pantera que abate a presa e sente as pernas quebradas na aresta da rocha em que saltou; como a leoa que se rasga ao ver os cachorrinhos mortos pe'lo inimigo a que venceu; tal fica o guerreiro ao ver sua dama inerte!!

Mas como a serpente se enrosca e em aneis se estorce; e a águia desesperada enterra o bico e as garras e mata os filhos que levava; como a pantera irada morre, e a

leoa expira; o altivo guerreiro se enfurece e busca na morte a volúpia da alma.

— «Maldita a hora em que a deixei! — exclama outra vez; e rindo raivoso em frenesim troveja ordens.

— «Escanção!... O copo de lavores mais ricos!... Escanção!... um copo de pórfido bordado!... Vamos!... Prestes!... Uma fogueira levantada sôbre êste mármore que escondia o corpo da que amei, seja a luz da minha aurora!... É hoje o meu primeiro dia, que os outros que tenho vivido ao de hoje os votei!... Preparem-se festas! ilumine-se a cidade! Queimem-se fogos nunca vistos!... às núpcias! às núpcias!... Eu sou o esposo, a Sultana Chand a esposa idolatrada!»

Disse; e tomando o copo o encheu de um líquido mortífero; e abraçado à esposa subiu à pira ardente.

— «Em honra da que amei!»

E bebeu!... e caíu!...

E a turba atónita os viu envolvidos ambos pe'las chamas.

O velho mensageiro ali ficou parado, estático, na imobilidade mística do ioguismo.

Por longo tempo o viram, hirto, em pé, com o olhar pregado na direcção da pira extinta.

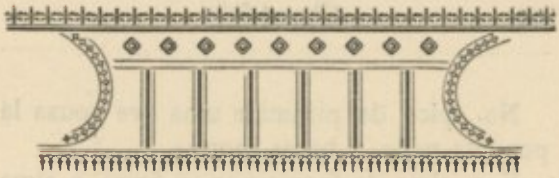
E um dia caiu em pó desfeito e o vento o varreu da face da terra.

XII

O Túmulo

Parece-se com um berço de venturas.

Ramáiana.



ALTO monumento se eleva na planície, como um relicário santo e cháitia consagrado.

Revestem-no árvores famosas, e flores variadas, as mais ricas, e plantas aromáticas.

São o robusto xala e o udúmbara formoso e o niagroda sombrio; e as flores do jambu e do axoca, e do palasa e muchilinda.

Naquele logar foram derrotados os exércitos do norte.

Dèli expiou seu crime.

Atesta-o o mármore que encerra as cinzas dos herois de Amenagara.

No ápice da pirámide uma ave pousa lá por alta noite, a horas mortas.

E a alma do faquir que se finou, a alma do velho e fiel mensageiro da Rànì.

Amantes, que se adoram, ainda hoje enfeitam com flores, e perfumam com os perfumes valiosos da Ásia enteira, o altar de amor, o templo castíssimo que é o túmulo dos herois de Amenagara.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

ÍNDICE

ÍNDICE

	Pág.
DEDICATÓRIA	5
I Amenagara	6
II A Cidade de Amenagara	13
III Chand-Bibi	21
IV Molher e Raínha	25
V Salabate Cã	31
VI Ao Luar	39
VII A Despedida	53
VIII A Amante	59
IX Os Mogores	65
X A Mensagem	71
XI A Cisterna	77
XII O Túmulo	87

Acabou de se imprimir nos prelos da
TYPOGRAPHIA MODERNA, BECO DOS APOSTOLOS, 11 — LISBOA
aos 14 de maio de 1898

TYPOGRAPHIA MODERNA
11, Beco dos Apostolos, 11
LISBOA